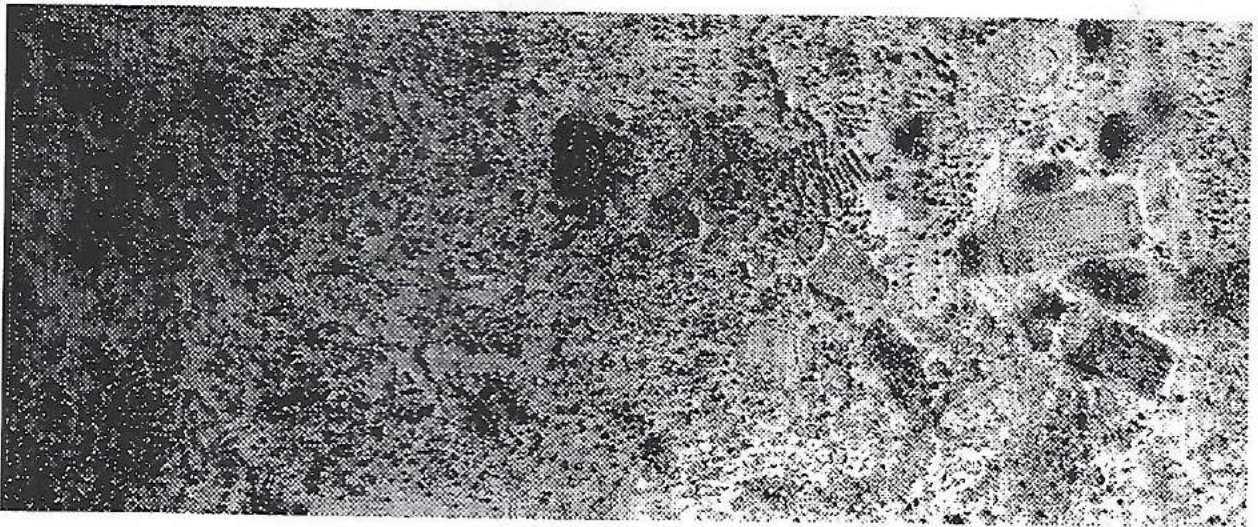


A CIDADE DE TERRA

AMAURI FERREIRA MACEDO

A idéia da construção da cidade de terra nasceu na Oficina de Cerâmica da EBA/UFRJ. A partir de imagens registradas ao longo do trabalho, pretendo compartilhar algumas leituras, buscando apontar para uma reflexão da cidade em fragmentos...



59

APRESENTAÇÃO

A cidade de terra dá continuidade a um trabalho iniciado no primeiro semestre de 1994, na Oficina de Cerâmica. Nesta ocasião, apresentei um estudo sobre a cidade e suas representações a partir de um exercício de exploração com o barro que culminou numa pequena cidade de barro. O trabalho foi fotografado e se transformou num microlivro. A pequena cidade se abriu para um projeto: construir uma cidade de terra sobre uma área de 15 m². Trabalho que se inicia no segundo semestre deste mesmo ano.

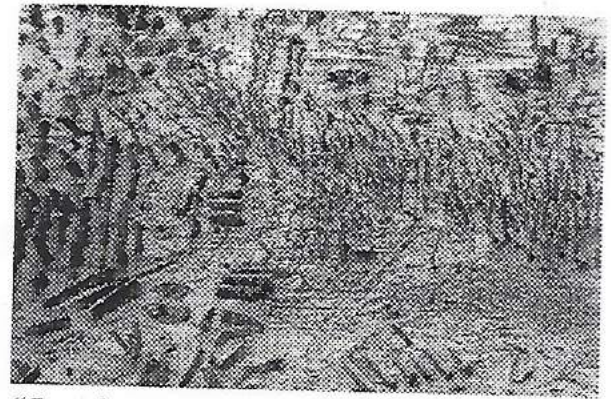
Assim, apresento um breve relato do processo de construção da cidade de terra e através de um painel de registros em que algumas imagens são fontes para reflexões da cidade e suas construções.

“Pela novidade da imagem e por sua ampliação estaremos certos de repercutir acima ou a margem das certezas racionais... Em poesia, o não saber é uma

condição prévia; Se há ofício no poeta, é na tarefa de associar imagens. Mas a vida da imagem está em toda sua fulgurância, no fato de que a imagem é uma superação de todos os dados da sensibilidade.”
(Bachelard, 1993: p-16)

A cidade de terra, as fotografias aqui apresentadas, assim como trechos das obras de Calvino, Bachelard entre outros constituem as imagens com as quais busco apresentar e explorar a cidade. Essas imagens pretendem suscitar coisas, referenciais, associações, relações. Tendo em vista a cidade, assim como as imagens a ela referidas como uma possibilidade de construção em que a imaginação expande o olhar a outras cidades, outras imagens. Como diz Lynch: (1993: p-16).

“A imagem deveria, de preferência, possibilitar um fim em aberto, adaptável a mudança permitindo ao indivíduo continuar a investigar e organizar a realidade; deveriam existir espaços em branco onde ele poderia prolongar o plano para si próprio”.



CONSTRUINDO A CIDADE

Para construção da cidade de terra foram realizados alguns testes verificando quantidades; valores; resistências; matérias; números; traços definindo a preparação de uma camada de terra, que adicionada à água e cimento é misturada e aplicada à parede. Sobre esse plano coberto de terra ainda mole, são fixados os elementos que construirão a cidade.

Esses elementos foram confeccionados um a um, cozidos e acumulados. São pequenas construções, pedaços de barro, pedaços da cidade. Podem ser casas, prédios, postes ... São registros, marcas ou impressões da cidade. Coisas conhecidas, de cidades já vistas, sonhadas. São fragmentos de imagens da cidade.

60

A cidade se mostra nessas pequenas coisas. Durante sua confecção, esses elementos sugerem cidades que se sobrepõem através de arranjos, distribuições, manobras, acordos, negociações. Anunciando a possibilidade de um eterno construir.

Os fragmentos da cidade se multiplicam em imagens de coisas, solicitando movimentos, distâncias, construindo e reconstruindo cidades. A cidade pode ser vaga, especulativa ou ilusória.

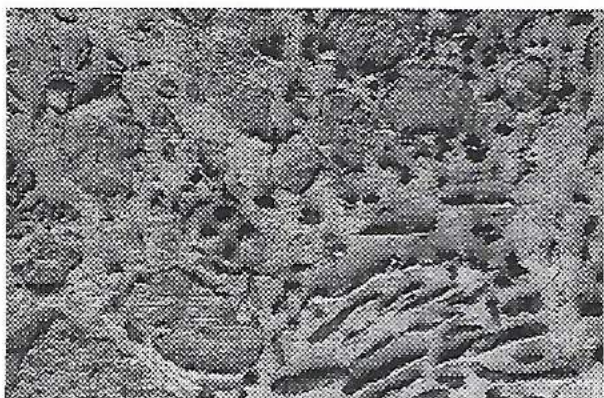
RITMO	PRÓXIMO	ADORNO	DIFERENÇA
DIVERSIDADE	AUSÊNCIA	REPETIÇÃO	NEGOCIAÇÃO
MOVIMENTOS	ORGANIZAÇÃO	INSERÇÃO	AMBIGÜIDADE
VAZIOS	FESTA	PROJETO	FORMA
AGREGADO	PRESENÇA	LINHA	INERTE
HÍBRIDO	SEPARADO	LONGE	COMPLEXIDADE
MUTAÇÃO	ENFEITE	HIERARQUIZAÇÃO	DISTÂNCIAS
CADÊNCIA	REALINHAMENTO	PLANO	RECORTE
FECHADO	ABERTO	VOLUME	DESORDEM
CONTRADIÇÃO	ATRAÇÃO	SOLUÇÃO	ANTAGONISMO
CHEIOS	CLASSIFICAÇÃO	ORDEM	DISTRIBUIÇÃO
REPRESENTAÇÃO	IMAGEM	ALEGORIA	PRIMORDIAL
PERMEÁVEL	COMPARTILHAR	COMBINATÓRIA	EXPLOSÃO

"Caminha-se por vários dias entre árvores e pedras. Raramente o olhar se fixa numa coisa, e, quando isso acontece, ela é reconhecida pelo símbolo de alguma outra coisa: a pegada na areia indica a passagem de um tigre; o pântano anuncia uma veia de água; a flor de hibisco, o fim do inverno. O resto é mudo e inter-cambiável - árvores e pedras são apenas aquilo que são." (Calvino, 1990: p-117).

Reuni em pequenos montes, todas as peças cozidas. Assim, distribuídas em diversos recipientes, os fragmentos aguardam a construção da cidade.

Pela manhã, todo o material é disposto ao redor da parede. As peças são distribuídas pelas mesas da oficina. A terra é peneirada, a massa preparada, cobrindo a parede. Nesse plano de terra são cravados os fragmentos que constroem a cidade. A cidade se alastra, se multiplica. Os espaços recriam outros lugares, os fragmentos se movem, representam, sonham. A cidade nasce. Se sobrepõem a ela outras cidades, num jogo de abstrações que negociam cidades reais e fantásticas.

No processo de construção da cidade emergem questões práticas e subjetivas que se complexificam a cada passo, avançando, recuando, construindo leituras, solicitando e fornecendo imagens, que se



apresentam como fonte de reflexão. Palavras se anunciam e por vezes querem pensar sozinhas.

"Qual o sentido de tanta construção? - pergunta . - Qual o objetivo de uma cidade em construção se não uma cidade? Onde está o plano que vocês seguem, o projeto?"

- Mostraremos assim que terminar a jornada de trabalho; agora não podemos ser interrompidos - respondem.

O trabalho cessa ao pôr-do-sol. A noite cai sobre os canteiros de obras. É uma noite estrelada.

- Eis o projeto - dizem." (Calvino, 1990: p-17)

CIDADE, AS COISAS, AS TROCAS ...

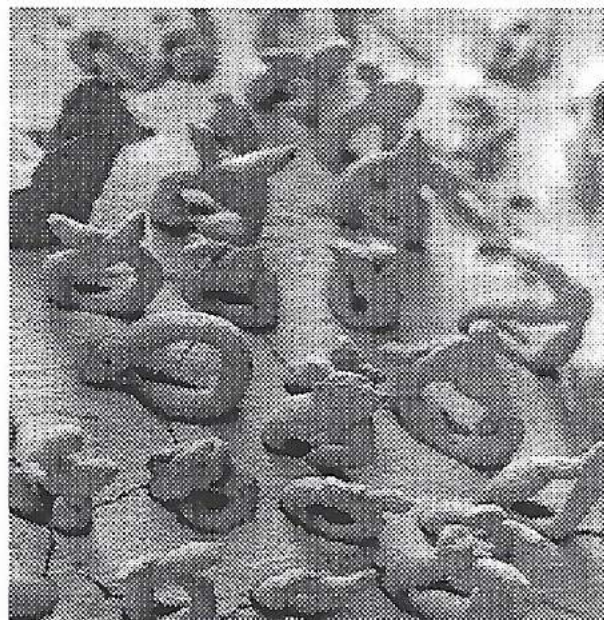
No texto "O olho e o espírito" Merleau Ponty aponta para uma relação que se dá entre o movimento do olhar e o corpo - que olha todas as coisas e também pode olhar a si, vidente, tateante, visível e sensível por si mesmo. O corpo, segundo o autor, é um em si,

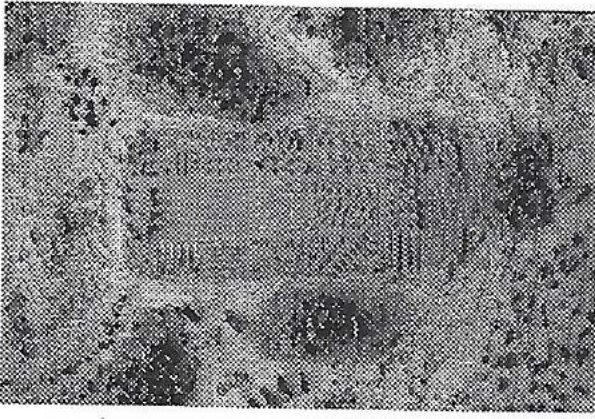
"... mas um si por confusão, por narcisismo, por inerência daquele que vê naquilo que ele vê, daquele que ele toca, do senciante no sentido - um si portanto que tomado entre coisas, que tem uma face e um dorso, um passado e um futuro."(Merleau-Ponty, 1989: p-89).

Nesta perspectiva, a visão é tomada ou se faz do meio das coisas, sendo como uma "encruzilhada, de todos os aspectos do ser". Assim podemos aqui nos remeter ao exercício de olhar a cidade como Merleau Ponty se põe a ver um quadro:

"...Não o olho como se olha uma coisa, não o fixo em seu lugar; meu olhar vagueia nele como nos nimbos do ser e eu vejo, segundo ele ou com ele, mais do que o vejo."

"...O olho vê o mundo, e o que falta ao mundo para ser quadro, e o que falta ao quadro para ser ele mesmo, e, na palheta, a cor que o quadro aguarda; e, uma vez feito, vê





o quadro que responde a todas essas faltas, e vê o quadro dos outros, as respostas outras a outras faltas” (Merleau-Ponty, 1989: p-90).

“As imagens não aceitam idéias tranqüilas, nem sobretudo idéias definitivas. Incessantemente a imaginação imagina e se enriquece com novas imagens.” (Bachelard, 1993: p-19)

Para além de uma obra inacabada, passível de toda sorte de construção, a cidade ao apresentar imagens solicitam de quem olha construir, criar, inventar. Aqui as imagens de cidades são sublinhadas em sua dimensão poética e ao se abrirem para outras imagens anunciam outros lugares, espaços, territórios, sítios.

“Se nenhuma pintura remata a pintura, se mesmo nenhuma obra se remata absolutamente, cada criação muda, altera, aclara, aprofunda, confirma, exalta, recria ou cria de antemão todas as outras, se as criações não são uma aquisição, não é somente que, como todas as coisas, elas passam, é também que tem diante de si toda uma vida.” (Merleau-Ponty, 1989: p-111)

“... Mas a cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas, nas antenas dos pára-raios, nos Mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras.” (Calvino, 1990: p-15)

CONSTRUÇÃO/IMAGINAÇÃO

FRAGMENTOS - RECORTES.

A criação está em toda parte, como diz Duvignaud, adquirindo as mais variadas formas, podendo ser detectada em qualquer lugar. O autor compreende a criação como, “algo que precisa ser digerido, ser agente de transformação. A sua capacidade de abertura a qualquer coisa que ainda é inexistente é que lhe impregna de funções renovadoras.” (Duvignaud, 1993: p-8)

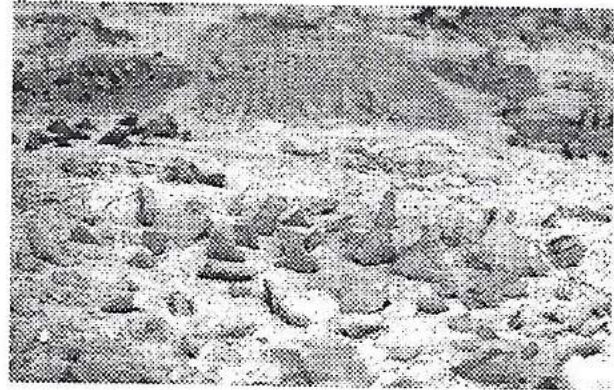
A construção aqui se refere a uma possibilidade abrangente que nos remete a elaboração, criação invenção. Um olhar envolvido em um exercício de imaginação que segundo Bachelard é uma “potência maior da natureza”, a “faculdade de produzir ima-

gens” e “com sua atividade viva, a imaginação desprende-nos ao mesmo tempo do passado e realidade. Abre-se para o futuro” (Bachelard, 1993: p-18)

O exercício de olhar a cidade é complexo. Um exame dessas imagens envolve uma rede de acontecimentos. Além dos sentidos que a percebem, existem elementos que a compõem e que são apresentados por uma série de aspectos que nos possibilitam criar as imagens que nos cercam. Imagens de coisas conhecidas, desconhecidas, visíveis, invisíveis. A imaginação se apresenta aí como elemento fundamental. Como diz Duvignaud (1993: p-1) “... é decorrente dos nossos contatos com a vida, a terra e constitui o sistema mais simples que dispomos, portanto ou mais visceral.”

A reunião dessas imagens, é também uma reunião de idéias que interpretam, reinterpretam, constroem, desconstroem cidades, imagens. Idéias que revelam sonhos, delírios. Como nos falava Bachelard (1993: p-124): “... Não é apenas no plano das imagens que a imaginação trabalha. No plano das idéias ela também leva aos excessos. Há idéias que sonham. Certas teorias, que se acreditam científicas, são vastos devaneios, devaneios sem limites.”

“... Assim que o estrangeiro chega a cidade desconhecida e lança o olhar em meio as curvas de pagode e clarabóias e celeiros, seguindo o traçado de canais hortos depósitos de lixo, logo distingue quais são os palácios dos príncipes, quais os templos dos grandes sacerdotes, a taberna, a prisão, a zona. Assim - dizem alguns - confirma-se a hipótese de que cada pessoa tem em mente uma cidade feita exclusivamente de diferen-



ças, uma cidade sem figuras e sem forma, preenchida pelas cidades particulares." (Calvino, 1990:p-34)

O CAMINHO

PERCURSO - OLHAR

A cidade apresenta caminhos, que se expandem, espalhando uma infinidade de imagens, de coisas que constroem relações. Tudo na cidade parece querer relacionar-se. As imagens que se apresentam nesses caminhos sugerem um percurso. O olhar percorre a cidade por esses caminhos remetendo a imagem do homem que anda. Como diz Bachelard (1993: 30): "... Há um devaneio do homem que anda, um devaneio do caminho." O devaneio segundo o autor "foge" do objeto próximo e imediatamente está longe, além do espaço do além.

"Toda pessoa deveria então falar de suas estradas, de suas encruzilhadas, de seus bancos. Toda pessoa deveria fazer o cadastro de seus campos perdidos." (Bachelard, 1993: p-31)

Assim pode-se apontar para algumas leituras da cidade a partir de um exercício em que a cidade remete a um outro tempo e espaço.

"...O caminhante transforma em outra coisa cada significante espacial...", diz Michel de Certeau (1994:p-178). Se, por um lado, o caminhante torna efetivas algumas possibilidades fixadas pela ordem construída. Do outro, aumenta o número dos possíveis e dos interditos.

"...o passado do viajante muda de acordo com o itinerário realizado, não o passado recente ao qual cada dia que passa acrescenta um dia, mas um passado mais remoto. Ao chegar a uma nova cidade, o viajante reencontra um passado que não lembrava existir: a surpresa daquilo que você deixou de ser ou deixou de possuir revela-se nos lugares estranhos, não nos conhecidos." (Calvino, 1993: p-28)

Para Ladricre (1979), a significação da cidade não se limita a uma exploração ambulatória. Esta é acompanhada de um jogo da imaginação que através de sinais que a cidade dá "...a forma das construções, sua

arquitetura, seu estilo, a disposição e a amplitude dos espaços vazios etc. restitui-nos o passado e também faz-nos antever um certo futuro..." (Ladricre, 1979: p-185)

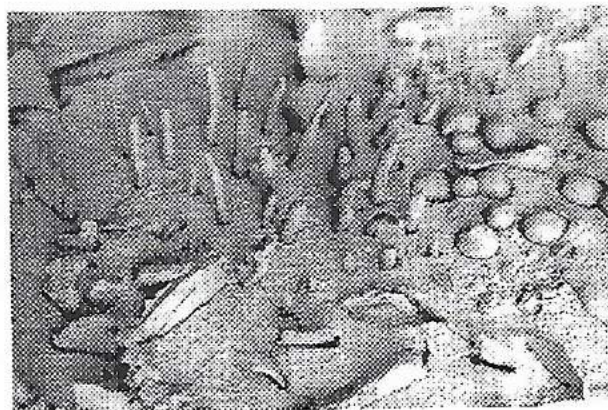
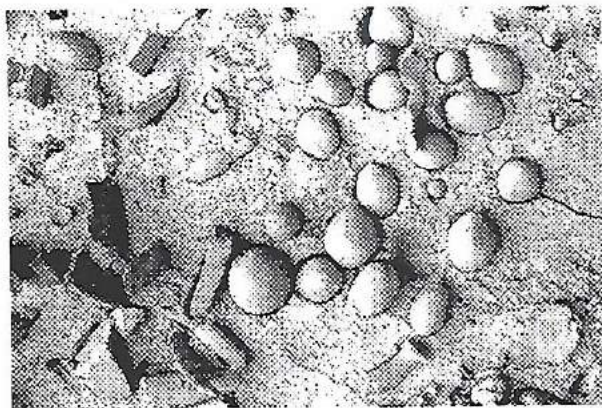
As formas segundo o autor são expressões vivas, "reenviam sempre a uma presença humana". Assim considera que em toda construção há um segredo oculto, "mas para conduzir-nos a seu segredo, deve preservá-lo ao mesmo tempo preparando-nos um acesso a ele: logo é preciso que simultaneamente ele se retraia e se abandone (Ladricre, 1979:p-186)". Assim haveria na cidade, espaços fechados, retiros, caracterizados pela inacessibilidade, "para nós um vazio ausente e ao mesmo tempo prometido", por outro lado, existem os espaços abertos, lugares vazios, "os espaços para caminhar que na medida em que nos convidam a percorrê-los, são também espaços abertos (...) onde podemos participar diretamente." (Ladricre, 1979: p-186)

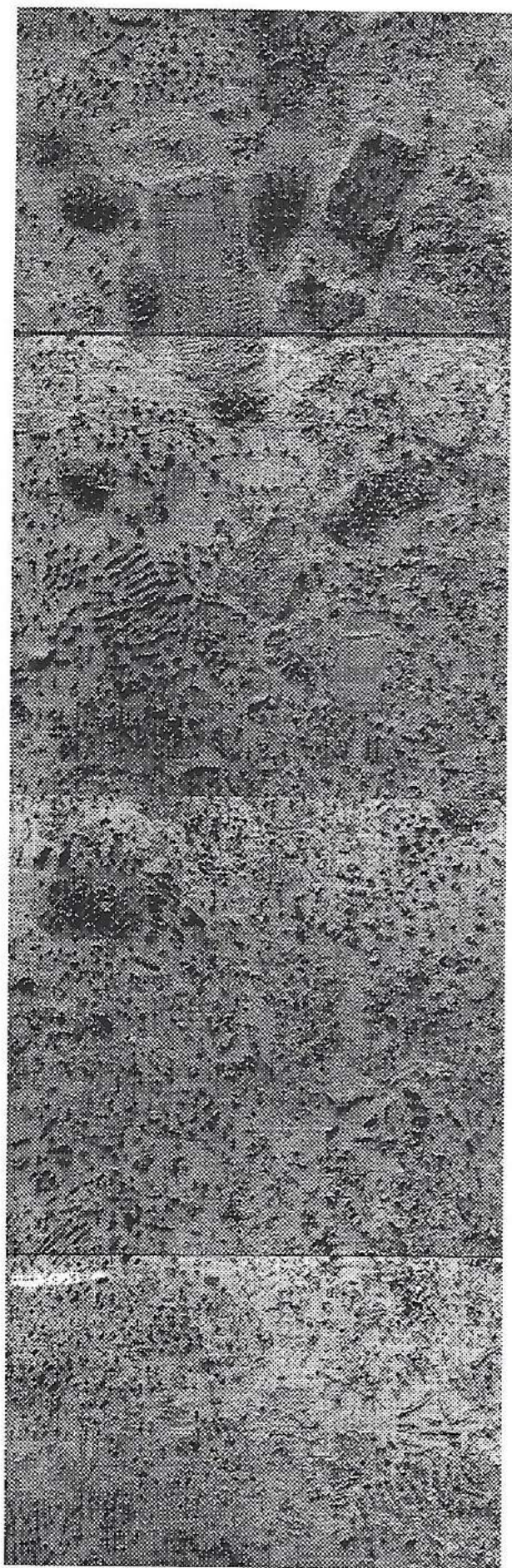
"...Como no caso da construção se houvesse acessibilidade total não haveria verdadeira doação, revelação. Pra que a cidade nos faça apreender é necessária a evidência do aberto, mas são também preciso, a aproximação, o anúncio, o caminho e também o espaço fechado, no qual se encerra o segredo da cidade e de sua revelação." (Ladricre, 1979: p-187)

Buscando um entendimento sobre a cidade e sua revelação, de sua significação Ladricre apresenta a "cidade da infância". Esta seria a única cidade em que habitamos, ela está segundo o autor em nossa imaginação e em nossos corações.

"A cidade que conta para nós é a que em nós trazemos, não a que os construtores fazem. Mas os construtores são poetas e farão cidades que as crianças futuras poderão trazer em seus corações (...) a cidade do coração é (...) uma casa cheia de silêncio, onde os sótãos escondem estranhos esconderijos." (Ladricre, 1979: p-190)

Pode-se buscar um entendimento da cidade como uma casa, um abrigo, como nos diz Bachelard: "todo espaço realmente habitado traz a essência da noção de casa". Tendo a cidade como um abrigo, uma casa,





visamos reconhecê-la como uma “casa onírica” que segundo o mesmo autor existe em cada um de nós, “uma casa de lembrança e sonho perdida na sombra de um além de um passado verdadeiro” (Bachelard, 1993: p-34)

Por outro lado, Bachelard apresenta sonhos de abrigo que parecem distanciar-se das cidades, das grandes cidades, “onde tudo é máquina e a vida íntima foge por todos os lados”. No sonho da cabana “desejamos viver em outro local (...) longe das preocupações cidadinas” ou ainda, quando “nos sentimos mais tranquilos, mais seguros na casa natal, que na casa das ruas que só de passagem habitamos.” (Bachelard, 1993: p-59)

Dessa forma também diz Angel Rama (1984:97), “a mobilidade da cidade real, seu tráfico de desconhecidos, suas sucessivas construções e demolições, seu ritmo acelerado, as mutações que os novos costumes introduziam, tudo contribuiu para a instabilidade, a perda do passado, a conquista do futuro...”

Sendo assim, deve-se ter em vista a possibilidade de considerar a cidade em suas imagens delirantes, sonhadoras, e dessa forma aproximá-la de imagens como a do ninho, como o mundo, que Bachelard (1993: p-116) considera um ninho: “Um imenso poder guarda os seres nesse ninho.”

BIBLIOGRAFIA

- Calvino, Italo. *As Cidades Invisíveis*. São Paulo, Companhia das letras, 1990.
- Certeau, Michel de. *A Invenção do cotidiano*. Rio de Janeiro, Ed. Vozes, 1994.
- Duvignaud, Jean. *O artista, a arte e a identidade*. Trad. prof. Rosza Vel Zoladz, conferência pronunciada na Escola de Belas Artes, Mestrado em História da Arte, EBA/UFRJ, 1993.
- Ladrière, Jean. *Vida Social e destinação*. São Paulo, Editora Convívio, 1979.
- Lynch Kevin. *A imagem da cidade*. São Paulo, Abril Cultural, 1980.
- Merleau - Ponty M. *O olho e o espírito*. (org.) Marilena de S. Chauin. "Os Pensadores. São Paulo." Nova Cultura, 1989.
- Rama, Angel. *A Cidade das Letras*. São Paulo, Editora Brasileira S.A, 1984.

As fotografias deste trabalho foram realizadas por Otávio Augusto.